

SAPERE AUDE

v. 12, n. 23, Jan./Jun. 2021 – ISSN: 2177-6342

DOSSIÊ: FILOSOFIA E SAÚDE

EDITORIAL

FILOSOFIA E SAÚDE: UM DEBATE CONSTANTE E INTERMINÁVEL

Fabiano Veliq*

Filosofia e saúde são termos polissêmicos e ganham diversas conotações no desenvolvimento do pensamento humano. Essa polissemia é crucial para entendermos os constantes encontros que temos desses dois campos do conhecimento no decorrer dos séculos. Em nosso presente momento, em que uma grande pandemia assola o mundo, é preciso que estejamos atentos às contribuições que a Filosofia pode dar à área da saúde, assim como as diversas áreas da saúde podem dar à Filosofia.

É fato bastante conhecido que a Filosofia desde o seu início se debruçou sobre diversos temas, inclusive o tema da saúde, a partir da própria compreensão da natureza. O ser humano como ser-lançado-no-mundo (para usarmos a expressão de Heidegger) sempre se colocou diante da natureza com uma atitude ambivalente. Por um lado uma atitude de temor, espanto, e por outro lado com uma atitude de admiração e dependência. Esse caráter ambivalente da relação do homem com o mundo vai desenvolver-se em reflexões que ora destacarão o primeiro sentimento, ora destacarão o segundo sentimento.

A partir do momento em que a reflexão sobre a natureza se vai consolidando, esse ser humano passa agora a refletir sobre si mesmo como pertencente também a essa natureza, a esse cosmos, de forma que o cerne da reflexão grega sobre a saúde se manifesta a partir dessa relação entre o cosmos e microcosmos, e a própria noção de saúde advinda do seio da filosofia se

* Doutor em Psicanálise pela PUC Minas. Doutorando em Filosofia pela UFMG. Professor Adjunto I do Departamento de Filosofia da PUC Minas. Email: veliqs@gmail.com.

pautará pela noção de “harmonia” entre essas duas esferas. O chamado *corpus hippocraticum* vai ressaltar em diversos momentos esse tipo de relação, de forma que tal visão sobre a noção de saúde será assimilada e difundida até o surgimento da ciência moderna.

Com a revolução científica do século XVII e a filosofia cartesiana, a noção de saúde será pensada não mais a partir de uma chamada “teoria humoral” hipocrática, mas se dará uma ênfase muito grande à noção de corpo como máquina, de forma que a noção de “alma” vai perdendo espaço no discurso sobre a saúde. A saúde será pensada, na modernidade, em grande medida como um bom funcionamento do corpo. Instaura-se aqui um mecanicismo de fonte cartesiana que só será superado a partir do século XIX com as diversas mudanças que aconteceriam nas sociedades europeias e no mundo como um todo.

A partir do século XIX, abandona-se em grande medida a visão mecanicista de mundo, e um certo vitalismo toma conta das reflexões sobre o tema da saúde. Esse vitalismo que adentra o século XX, em resposta ao iluminismo mais sisudo do século XVIII (e sua vertente mais bem acabada, o positivismo do século XIX), repercute de tal forma que os novos desafios como a gripe espanhola, as guerras mundiais dão o novo escopo, no qual o discurso sobre a saúde — nesse momento já entendido como discurso médico — se encarregará de não mais pensar a saúde de maneira isolada, mas agora pensada em concomitância com outras esferas da vida do sujeito.

Da noção de “harmonia” entre os gregos, passando pela noção mecanicista dos modernos, chegando ao que aqui chamamos de vitalismo do século XIX, que adentra o século XX, o discurso sobre a saúde será marcado não mais por um discurso homogêneo, mas por uma polissemia discursiva que terá agora diversos outros elementos a serem considerados ao se propor um debate sobre a saúde. A saúde deixa de ser uma questão pessoal, ou natural, e passa a ser algo que deve ser regida, regulamentada, ensinada por meio de práticas discursivas, políticas públicas, propostas econômicas etc.

No século XXI, especificamente no tempo de pandemia que vivemos, esse discurso sobre a saúde ganha novos contornos. No mundo globalizado, da informação em que diversos discursos são propagados de maneira descoordenada, o tema da saúde não escapa desse problema. É notório o quanto a divulgação das chamadas *fake news* sobre temas da área da saúde contribuiu e ainda contribui para desinformação e agrava o enfrentamento da pandemia da COVID-19. Saúde deixa de ser um tema puramente científico e passa a ser um assunto no qual o discurso científico é “apenas mais um possível”. Neste momento abre-se uma grande via

para que o tema da saúde possa ser usado de maneira puramente ideológica, política, estratégica, etc.

Nesse sentido, o presente dossiê cumpre uma excelente função e traz uma reflexão crucial para o momento que vivemos. O dossiê deste exemplar da *Sapere aude* traz o tema “Filosofia e Saúde” e nele encontraremos diversos textos em que a temática da saúde será abordada de maneira filosófica, tentando dar conta do amplo debate sobre essas duas áreas do conhecimento humano. Os textos abordam desde a concepção grega da noção de saúde até as reflexões mais contemporâneas.

I

O texto “Hybris contra Naturam”, de Tatiana Ribeiro e Henrique Cairus, nos traz o mais exegético sobre o conceito de “*hybris*” e o conceito de “*phýsis*”, de caráter polissêmico na Grécia antiga e que é de vital importância para a compreensão da noção de saúde entre os antigos, e que encontra ecos até hoje na medicina.

Na mesma linha, o texto “A natureza humana segundo o *Corpus Hippocraticum*”, de Juliana da Silveira Pinheiro, nos traz uma caracterização da forma como o chamado Corpus hipocraticum pensava a natureza humana, e procura evidenciar a chamada “teoria humoral”, bastante conhecida da Antiguidade, em diálogo com as teorias pré-socráticas numa perspectiva mais cosmológica que propoiam, em sua maioria, um princípio único para todas as coisas. Nesse processo fica evidenciada a noção de saúde pensada como equilíbrio entre os quatro humores e a noção de harmonia entre o microcosmos humano e o cosmos.

Ainda dentro da Filosofia grega, o texto “Podemos aprender com a concepção de “saúde da alma” de Platão e a de Epicuro”, de Maria Dulce Reis, propõe resgatar a noção de saúde da alma de Platão e Epicuro para pensar o momento atual da pandemia da COVID-19, partindo do pressuposto de que podemos aprender ainda algo com os gregos e suas formulações filosóficas a respeito do tema da saúde. A autora propõe uma hermenêutica dos textos platônicos sobre o tema da saúde e ao mesmo tempo uma análise da *Carta a Meneceu* de Epicuro, evidenciando a noção de saúde presente neste trabalho.

II

Dentro de uma linha mais historiográfica sobre o debate entre Filosofia e Saúde temos dois textos:

O texto “Medicina e saúde em *O nascimento da clínica*” de Michel Foucault, de Rosele Branco, traz uma análise do livro de Foucault no qual este evidencia o surgimento do discurso médico moderno a partir de novas necessidades sociais, e a chamada “medicina das epidemias” que foram surgindo a partir do século XVIII, e ao mesmo tempo aponta na direção de mostrar como o discurso médico vai ganhando uma dimensão social cada vez mais ampla com o passar do tempo.

O texto “Construção de saberes sobre o corpo”, de Renato Azambuja, traz uma reflexão a partir da biomedicina, mais especificamente o discurso da homeopatia para pensar a relação entre saúde e psiquismo. A partir de um recorte histórico do desenvolvimento dos saberes médicos, e o chamado vitalismo hanemanniano, o autor nos mostra que a homeopatia foi relegada a um status menor, mas que esse movimento não condiz com o alcance da prática homeopática no tratamento das doenças e promoção da saúde, de forma que é preciso resgatar a prática homeopática e “lutar por uma ontologia modal da subjetividade corporificada”.

III

Dentro do contexto da pandemia da COVID-19 temos três textos:

O texto “Saúde e felicidade em tempos de pandemia: é possível?” de Kátia Poles tem como objetivo pensar possíveis caminhos para enfrentar os impactos da pandemia da COVID-19 sobre a saúde e a vida humana em geral. Partindo da *Pirâmide das necessidades humanas básicas* de Abraham Maslow e da *Psicologia positiva* de Martin Seligman, a autora propõe uma noção de saúde e uma noção de felicidade que podem servir de norte para uma vida saudável no tempo em que vivemos.

Na mesma linha, o texto “De ‘gripezinha’ e ‘resfriadinho’ às incontáveis mortes pelo coronavírus: reflexões filosófico-linguísticas sobre a relação saúde-doença”, de Robson Figueiredo Brito, traz reflexões do campo da linguística (a escola de Bakhtin e a escola francesa da Análise do Discurso) para analisar algumas falas do atual presidente brasileiro sobre a pandemia do coronavírus, como também para analisar um vídeo-arte produzido a partir da obra de Pejac (artista espanhol) evidenciando que os discursos sempre são carregados de pressupostos ideológicos e que, no caso da fala do presidente brasileiro, seu discurso levou a

diversas práticas que culminaram na morte de inúmeros brasileiros, enquanto o vídeo-arte expressou o momento trágico que vivemos.

E o texto “Filosofia nos tempos da pandemia e o contributo de Karl Jaspers”, de Nivaldo Duarte de Marins, traz para o debate o tema da pandemia e como a proposta filosófica de Karl Jaspers ajuda a pensar o papel da filosofia, da ciência, e até a noção de verdade para enfrentar os tempos tenebrosos vividos na pandemia. A noção de verdade ganha ênfase por se tratar de um elemento crucial na época da informação, e o autor coloca especial ênfase naquilo que chama de “verdade científica” que precisa ser comunicada para gerar mudanças concretas durante a pandemia. A contribuição de Jaspers se daria a partir daquilo que o autor chama de “heroísmo solitário” que deveria ser conjugado com o “heroísmo solidário”.

Fecha o nosso dossiê o texto “Psicanálise: adoecimento e cura”, de Renata Flecha, que procura evidenciar a noção de cura para a Psicanálise freudiana. A autora traça um percurso do desenvolvimento da psicanálise freudiana, trabalhando os conceitos de inconsciente e desamparo para situar o discurso psicanalítico como um novo discurso surgido no seio da modernidade, mas ao mesmo tempo mostrar que a Psicanálise se encontra em constante mudança diante dos novos tempos e os chamados “novos sintomas”, de forma que a cura, para a Psicanálise, não deve ser entendida como ausência de sofrimento, mas sim como uma retradução que permite ao sujeito um novo lidar com seus sintomas.

Boa leitura!